SUMMARIO.

—

CONHECIMENTOS-UTEIS: Economia-politica (*Continuação*). — Polvora d'algodão (Qualidades. Modo de a fabricar. Fogo de cores), — Remedio contra altœnia, vulgo solitaria. Noticia sôbre o macúlo dos negros. — Instrucção-publica (*Continuação*). — PARTE-LITTERARIA: Da poesia lyrica na edade media (*Conclusão*) — Uma viagem de dois annos (Capitulo IV). — O quinhão do fogo (*Conclusão*) — Theatro de D. Maria II (Luiza Bernard — drama em 5 actos, traducção de A. Dumas.) — Correio-Extrangeiro. — Correio-Nacional.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

ECONOMIA-POLITICA. *

IX

950 — 181 Na estimação economica parece ás vezes confundir-se a terra com o capital; mas pouco basta de reflexão para se conhecer, que a terra é um capital *sui generis*, de que, em muitos pontos, convem ter noção em separado para chegar á solução de muitas questões delicadissimas.

182 A terra que ordinariamente se acha no estado de propriedade individual, é a que chama mais a attenção do economista. Ésta propriedade é uma das feições mais characteristica das nações civilizadas. Questões se tem levantado sôbre a propriedade em que não me toca fallar; direi porém que ellas mais se referem ao principio da distribuição da terra do que á sua apropriação; por que os adversarios da propriedade cingem-se á appropriação collectiva.

183 A terra necessita da acção dos outros dois instrumentos da producção — capital e trabalho — para que possa produzir tudo de que é capaz. Os seus productos espontaneos são sem importancia, comparados com os que, um trabalho habil e o capital sufficiente, podem d'ella extrahir.

184 O capital incorpora-se com a terra por todas as fórmas em que concorre a melhoral-a; e une-se a ella por todos os modos necessarios a fazel-a produzir.

185 O trabalho combina se com a terra, quer seja muscular quer intellectualmente.

186 A terra póde ser considerada como machina até certo ponto; ou melhor ainda, como uma collecção de machinas de fôrças deseguaes; porque a terra differe uma da outra pela sua fertilidade, posição climaterica, proximidade do logar da vasão de seus productos etc. Alguns economistas quizeram, por isto, dividir as terras em classes de primeira, segunda etc.

187 A producção da terra e limitada. Convem que o agricultor observe o mais que ella lhe póde render; mas que pare n'esse ponto com os seus esforços, porque se quizer tirar da terra mais do que ella lhe póde dar, perderá dos seus avanços e do seu trabalho tudo que for além do necessario para o que ella so póde produzir.

188 A differença entre o preço natural e o preço corrente dos productos, entre as despezas da producção e o preço do mercado, entre os gastos feitos para alcançar o producto menos custoso e o preço regulado pelas despezas da producção do producto com que mais se gastou, é o que fórma o rendimento da terra, o *ganho* de quem a possue.

189 O rendimento é pois *effeito* e não *causa* do preço do mercado. Mas a respeito de tudo isto ha questões d'economia abstracta e applicada, que apezar de sua importancia eu não posso aqui desinvolver.

Secção 3.ª (Circulação da riqueza.)

190 Ja se viu como um homem so não faz tudo o de que necessita, e que é pela permutação que elle obtem os productos de que carece, feitos pelos outros; e que ésta permutação é, o mais das vezes, realizada por intermedio da moeda, ou signaes que a respresentem. Bem se ve pois, que todo aquelle que produz — o trabalhador — precisa dar vazão aos seus productos, isto é: necessita de consummidores, ou, o que vale o mesmo, de um *mercado*. Mas como para mercar se necessita de dinheiro, que é como vimos uma mercadoria tambem, obtida pela venda de outros productos, em última analyse, *a compra dos productos vem a ser feita com outros productos.*

191 Segue-se d'aqui, *que um producto hade achar tantos mais compradores quanto mais se multiplicarem os outros productos.*

192 As consequencias d'esta theoria são, que:

1.° Quanto mais numerosos forem os productores, mais multiplicadas serão as producções, e mais facil a vasão.

2.° Que cada productor tem interesse na prosperidade dos outros todos.

3.° Que as cidades interessam na prosperidade dos campos; e os povos na prosperidade dos outros povos.

193 Éstas verdades, que ainda são muito novas, provam que a economia-politica se liga e harmoniza com a caridade christan, que é auxiliar da moral, e que hade contribuir poderosamente para que se haja de realizar a paz universal.

194 Outra consequencia da theoria acima parece ser ésta tambem, *que não ha limites para a producção;* porque, producto não é so aquillo que póde servir para as necessidades do homem; mas tambem *aquellas coisas cuja utilidada valem e se vendem pelo que custaram.*

195 Segundo ésta difinição, dispender seis tostões para obter um producto que vale so cinco, não é produzir, é destruir um tostão com perda certa. Logo, não se produz senão quando se póde ressarcir toda a despeza da producção, e para isto é preciso que a sociedade se satisfaça com esse producto porque dá em troca a importancia do seu custo de producção. O consummidor satisfaz-se com o producto, segundo os tempos e os logares, mas é necessario que os productores não produzam senão o que forem capazes de produzir bem, e vender convenientemente.

196 Resumindo pois, a producção prudente é aquella que é fundada nas necessidades dos compradores, que tanto mais hão de comprar quanto melhores e mais baratos forem os productos que se lhes vendam.

197 A carestia dos productos, que limita o seu consummo d'elles, intorpece a vasão, e prejudica por consequencia a producção, provém de quatro causas:

1.ª Falta de civilização

2.ª Atrazamento da industria

3.ª Maus regulamentos administrativos

* Continuado de pag. 326.

4.ª Excesso de população.

198 Cabe agora aqui fallar da liberdade do commercio. Se não houvessem barreiras politicas nem alfandegas que se opposessem á entrada e sahida dos generos, haveria liberdade absoluta de commercio. Que aconteceria n'este caso? Haveria uma divisão espontaneo do trabalho, segundo as condições particulares de cada povo; e o capital se distribuiria conforme a mesma lei natural- Cada paiz faria pois melhor e mais commodamente os productos da sua especielidade; o consummo animado pela abundancia e barateza, excitaria a producção, e ésta viria a reagir sôbre o consummo, de modo que se perderiam os menos esforços que fosse possivel, e se poupariam da mesma maneira as tentativas infructuosas e o capital arriscado. N'esta hypothese, perdendo a humanidade o menor possivel das suas forças productivas, a riqueza publica subiria rapidamedte ao nivel, e a facil satisfação das necessidades physicas daria aos productores o vagar necessario para se darem á cultura do espirito, inspirando-lhes o gôsto das fruições moraes.

199 O systema *restrictivo*, *prohibitivo* ou *protector*, como muitos lhe chamam, e opposto a ésta liberdade de commercio é o que hoje governa ainda em todos os paizes. Mas recentemente n'alguns d'estes, e melhor do que em todos na Inglaterra, se vão dando passos, de todo o ponto importantes, mesmo por parte dos governos afavor da liberdade do commercio, cujo impulso dado pela celebre *liga* estabelecida por Cobden n'aquelle paiz, vai sendo seguido em França por outra similhante associação, e agita hoje a imprensa de quasi todo o mundo. No estado actual porém das coisas, uma transição é necessaria: e os esforços dos economistas devem ser dirigidos não so contra os que negam a legitimidade do princípio scientifico, ou contra os interessados no systema prohibitivo, que querem addiar quanto seja possivel o comêço d'esta transição; mas tambem contra os que querem ésta transição muito vagarosa e pouco efficaz. *

200 Os productores que receiam da liberdade do commercio são: proprietarios de terras, ou capitalistas, ou trabalhadores. Como os donos das terras gozam de um monopolio, a cultura, em consequencia do systema prohibitivo, extende-se ás terras inferiores, do que resulta maior despeza de producção, e consequentemente maior preço do genero, de que se aproveitam egualmente os donos das boas terra cuja producção não custou tanto. É o que acontece na Inglaterra, onde os grandes proprietarios se oppoem, por ésta causa, á reforma de Peel, porque com ella vão soffrer uma baixa na renda das suas terras.

201 Pelo que respeita aos capitalistas, o systema prohibitivo da-lhes muitas vezes occasião, dizem elles, de exigirem maiores interesses. Mas como este augmento de interesses não póde ser duradoiro, nem justo, nem proveitoso á economia nacional, tudo como se deprehende do que ja fica ditto, pois que é sempre em detrimento dos consummidores e trabalhadoros, não póde ser essa uma razão para se manter esse systema. O temor d'aquelles que receiam a emigração dos capitaes, em razão da liberdade do commercio, é tam victoriosamente combatida pelo economista Rossi, que sem haver que redarguir-lhe, pode-se ao contrário provar aos *proteccionistas* que, querer produzir sem comprar, é o mesmo que querer produzir sem vender, o que é impossivel.

202 Por último, se a liberdade commercial póde comprometter uma parte do trabalho que se executar no paiz, por isso tambem esses trabalhadores consummirão melhor e mais barato, e irão applicar-se a outra producção mais activa e menos custosa; porque o capital nacional nãa tardará a augmentar-se, e consequentemente a impregar-se em produzir: e a distribuição dos ganhos, deixando de ser exclusiva a certas classes, ficará sendo mais conforme á razão e á justiça.

(*Continúa.*)

* Uma das publicações que recentemente se tem feito mais importantes a este respeito, é a brochura intitulada *Sophismes economiques*, de F. Bastiat, o apostolo da liberdade do commercio em França.

POLVORA D'ALGODÃO.

(SUAS QUALIDADES. — MODO DE A FABRICAR. — FOGO DE CORES.)

951 Uma arma nova e poderosa está hoje á mão de todos, e bem se ve quanto o zêlo das auctoridades de segurança publica, e a vigilancia dos governos, vão ser necessarios para evitar os funestos resultados de um abuso de tam facil meio de destruição.

A polvora d'algodão, o *fulmicotão*, como lhe chamam la fóra, é hoje uma descuberta comprovada, adoptada e ja em uso. O fulmicotão tem sido applicado a todos os effeitos para que se servem da polvora, e em tudo tem correspondido com superioridade notavel. Ultimamente foi applicado tambem ao quebramento da roda nas pedreiras e sortiu admiravelmente.

Aqui reunirei differentes factos sobre este objecto, dispersos por varios jornaes francezes.

O *fulmicotão* é de pasmosa facilidade de obter. Em duas horas se póde fornecer quanto for necessario para um exercito de cem mil homens sustentar o fogo um dia inteiro.

Em pêso egual, o fulmicotão tem de tres a quatro vezes mais força do que a polvora; mas ésta misturada com algodão puro produz uma força muito maior ainda.

Parece que a instantaneidade da combustão do fulmicotão é não pequeno inconveniente para o seu uso nas armas de fogo, além dos perigos de que ésta facil inflammabilidade póde ser causa; como ja aconteceu n'uma fabrica d'acidos, em Javelle, onde 500 grammos d'algodão-polvora, acabados de preparar, fizeram uma terrivel expulsão.

O preço do fulmicotão anda por mais de um quarto inferior ao da polvora.

A velocidade da balla expellida pelo fulmicotão tem dobrada acceleração.

Para produzir um effeito egual basta uma quantidade de fulmicotão obra de quatro vezes menor que a da polvora.

Receita.

Em agua-forte ou acido nitrico fumegante, misturado com metade do seu pêso d'acido sulfurico ou oleo de vitriolo, mergulha-se e deixa-se estar dentro coisa de um minuto, o algodão cardado de que se quer fazer polvora. O segredo estava todo na perfeição d'este processo; ja se sabe porém que o algodão deve

estar no banho o tempo necessario para podêr ser dissolvido pelo ether; o que anda pelo espaço de um minuto como fica ditto. O algodão deve ser bem lavado e exprimido.

—

Para obter polvora de papel pratica-se o mesmo que com o algodão.

Impregnando o papel-polvora de soluções de sulfato de cobre e de nitrato de baryto e de stronciana, a chama será de bonitas cores verde, branca e incarnada.

Este novo recurso da pyrotechnica promette ser muito rendoso para os fogueteiros.

—

REMEDIO CONTRA A TŒNIA, VULGO SOLITARIA. — NOTICIA SOBRE O MACÚLO DOS NEGROS.

952 Da India, berço dos primitivos povos e das sciencias, os inglezes, aproveitando os feitos gloriosos de um Gama, não so transportaram os generos commerciaes; mas estabeleceram uma sociedade encarregada de colher todos os conhecimentos uteis e particulares d'aquelles povos, e os importaram para a Europa.

Mr. Buchanan, cirurgião inglez, estabelecido em Bengala, deu ao publico noticia do remedio, com que na India costumam expulsar a tœnia. A formula foi purgada das drogas inuteis, e experimentada em Londres por Mr. Breton.

Pelo cozimento da casca da raiz de romeira mansa, Mr. Breton, expulsou a tœnia de oito doentes.

Um medico portuguez, o Dr. B. A. Gomes pae, fez grande e incalculavel serviço á sua patria e á humanidade, publicando a sua memoria em 1822, cheia de erudição, em que reconhecemos um genio observador, e um philosopho naturalista. Esta inrequecida com 14 observações, habilmente redigidas. A formula do remedio é a seguinte.—Casca recente da raiz da romeira mansa, duas onças; agua, libra e meia. Ferva até ficar reduzido a uma libra. Dá-se na dóze de duas onças, de meia em meia hora.

Em 1842, um negociante d'esta capital, lamentando o estado da sua senhora porque soffria de uma *solitaria*; estando eu presente, sindiquei as razões que tinha para affirmar a existencia da tœnia: disse que, haveriam seis annos, deitava juntamente com as fezes cousas similhantes ás pevides de abobora carneira (vermes *cucurbitinos*); que tinha tido varias vezes uma especie de colica; alguns dias perdia a vontade de comer, outros comia com voracidade; ultimamente tinha deitado um pedaço da solitaria. Note-se que ésta senhora era obesa. Interroguei que remedios tinha feito para a expellir, e disse, que tinha tomado purgantes drasticos, muitos vermifugos; ultimamente essencia de terebinthina. Perguntei se tinha tomado o cozimento de casca recente da raiz da romeira mansa, disse que não. Receitei segundo a formula do nosso medico portuguez. Preparou o remedio o Sr. Carvalho Junior, um dos mais acreditados pharmaceuticos, estabelecido na rua dos Fanqueiros.

No uso do remedio houve um accidente, vomitou a primeira dóze, e por isso não queria continuar; declarei que algumas vezes acontecia isto: então continuou, e tolerou o remedio. No dia immediato expelliu a tœnia completa, que eu ainda conservo. A cabeça, vista ao microscopio, tem dous orificios similhantes aos *chupadouros* das sanguisugas: todo o verme se compõe de fragmentos ou vermes *cucurbitinos* unidos uns aos outros: sua extensão é de uma vara e meia.

Estou convencido de que os remedios secretos, que por ahi se vendem, não são outra cousa mais do que o cozimento da casca da raiz da romeira mansa, com que o nosso illustre medico não quiz especular...

Para que o remedio seja infallivel, é preciso ser applicado com as attenções que so o facultativo póde bem appreciar e calcular.

Macúlo. — Nome que os negros dão á affecção verminosa do intestino recto, proximo á margem do anus. Em novembro de 1844, na cidade de Loanda, costa de Africa Occidental, observei dous negros muito prostrados de forças, sem vontade de comer, com a lingua esbranquiçada, pulso deprimido, repugnancia a assentarem-se. Alguem de casa me disse, tem Macúlo. Fiz exame local, e vi na margem do anus uma porção do intestino sahido (prolapso do recto) cheio de muitas fungozidades, em fórma de mammillas, parecendo uma cove flôr, e do tamanho de uma laranja grande. Introduzi o dedo, e afastando as fungozidades, observei milhares de pequenos vermes, *oxyuros* dos auctores. *Offerecem estes uma cabeça obtusa cercada de uma membrana vezicular transparente, a cauda do macho inrolada em espiral, a da femea grossa e recta.* Tinham de comprimento quatro a cinco linhas, de espessura meia a uma linha.

Sem exame, creio eu, os facultativos alli existentes diziam não saber que molestia era aquella, ja na cidade, ja na estação naval! tanto isto tem o cunho da verdade, que havia curandoiros pretos, chamados do sertão, para curar a infermidade. Consistia o tractamento em talhadas de limão embrulhadas em grãos de polvora, e introduzidas á força no intestino recto. Tal é o tractamento ainda hoje empregado!!!

Das minhas indagações pude colher, que era muito rara esta infermidade nos pretos do sertão e da cidade ja habituados a outras comidas. Que nos recentemente chegados do sertão dava com muitissima frequencia o *macúlo*, mormente nos que mudavam logo do uso das suas selvaticas comidas. Isto é reforçado com os acontecimentos que tem logar abordo dos navios carregados de escravos, aonde uma grande parte succumbem a esta infermidade, por isso que alli so tem comida de diverso genero e qualidade.

Estou persuadido, que qualquer dos anthelminthicos dado em supositorios ou em clysteres remediava, esta molestia, e se evitava um tractamento tam grosseiro e doloroso.

Os meus accontecimentos (de eterna lembrança!) não permitiram fazer observações mais circumstanciadas, nem continuar nas tentativas das viagens, para que a idade então me arrastava. Fiquei satisfeitissimo com a primeira e última.

Lisboa 19 de novembro de 1846.

Brilhante.

—

INSTRUCÇÃO PUBLICA. *

Instrucção superior.

953 A instrucção superior, que até agora se achava unicamente estabelecida na cidade de Coimbra, passará a ser distribuida da maneira seguinte:

Em Lisboa haverá

1 Cadeira de direito commercial incorporada na eschola polytechnica, 1 ditta de mathematica e philosophia natural ditto, 1 ditta de medicina no hospital de San'José: todas com graus academicos.

No Porto

1 Ditta de direito commercial incorporada na eschola polytechnica, 1 ditta de mathematica e philosophia natural ditto, 1 ditta no hospital de..... todas com graus academicos.

Em Evora

1 Ditta de mathematica e philosophia natural no lyceu.

Em Coimbra continuarão a subsistir as mesmas faculdades que alli existem.

Nas differentes dioceses, restabelecer-se-hão os antigos seminarios.....

Dotação.

Os fundos universitarios, que até agora eram fornecidos pelo governo, passarão a ser providos pelas junctas geraes, pela mesma fórma que passam a ser os das escholas de instrucção secundaria. As da provincia da Estremadura supprirão os da instrucção superior de Lisboa, Minho, Porto, Alemtejo, Evora, Coimbra, e Beira.

Matriculas.

Os estudantes da faculdade de direito pagarão, no acto da matricula, a quantia de 36$000 réis, e outra egual no acto de a fecharem. Os de theologia e medicina 9$600 réis. Os de mathematica e philosophia 2$400 réis. As cartas de formatura custarão para os juristas 48$000 réis, em theologia e medecina 14$400 reis, em mathematica e philosophia 4$800 réis.

Estas quantias serão levadas em conta aos thesoureiros geraes, nos seus respectivos districtos.

As matriculas em direito e em theologia terão logar aos 18 annos, e nas outras faculdades aos 16 annos, tendo passado pelo preparatorio respectivo nos lyceus.

Ordenados.

Os lentes de theologia e direito, continuarão a receber os mesmos ordenados que agora recebem. Os das outras faculdades, menos a terça parte; mas terão 3$000 réis por cada estudante que frequentar as suas prelecções.

Aposentações.

Praticar-se-ha a mesma mutação das caixas economicas, para as aposentações dos lentes da instrucção superior, que fica determinada para os mestres das escholas primarias, *mutatis mutandis.*

* Continuado de pag. 329.

Pais de familia.

Todo o pai de familia, que mandar seus filhos ou pupillos frequentar os cursos de mathematica e philosophia natural a qualquer eschola de instrucção superior, não excedendo as suas contribuições a 200$000 réis, ser-lhe-ha abonado no seu pagamento uma deducção de 15%, por todos os annos da frequencia d'elles n'essas escholas.

Todo o cidadão, depois de formado em qualquer d'essas faculdades, que imprehender qualquer estabelecimento agrario, fabril ou industrial, egualmente lhe serão abonados os mesmos 15% por espaço de 10 annos.

Fica subsistindo toda a legislação que não fôr especialmente derogada pela presente lei....

—

O plano de distribuição da instrucção superior não é o que deve ser, mas tiveram-se muito em vista prevenções, que não é possivel desarreigar de um repelão.

Os gráos academicos todos, deviam-se dar pelo menos em duas universidades em Portugal, porque a Suecia não tem mais população, e tem Upsal e Gottemburgo onde os confere. A França tem muitas. A Inglaterra tambem tem uns poucos de institutos aonde se insina a instrucção superior.

A gratificação dos 3$000 réis é a exemplo do que se pratica em Inglaterra, e serve de incentivo aos mestres.

Animam-se os pais a mandar ensinar as mathematicas e a philosophia a seus filhos, e depois se continuam a cotar as mesmas concessões nas contribuições directas, para o mesmo fim de animar a sua cultura, porque sem a divulgação das sciencias naturaes escusado é esperar adiantamento de riqueza no paiz, porque d'aquellas é que vem ésta.

—

A mocidade de uma nação são todas as suas esperanças, e por isso se deve ter mais recato n'ella do que se fosse o oiro. E isso é o que nós não fazemos, porque expomos toda a que temos de mais preciosa, n'um ponto so, para ser desvairada por motins e sedições populares, e entrar em combates de força bruta, quando não assuma o titulo mais pomposo de tribunicio ou de legislar para o povo.

O systema actual politico, nem a necessidade de uma egual distribuição de luzes por todo o reino, consentem mais um momento o menopolio das sciencias em Portugal, para Coimbra. É preciso que o ensino superior, assim como o secundario e o primario, se localise, ás terras, na justa proporção da população e dos teres d'estas: que diriamos nós se tambem não houvesse senão uma eschola secundaria, e outra eschola primaria, onde todos que quizessem aprender a ler tivessem de recorrer? Diriamos que era a maior das extravagancias impossiveis em que se podia sonhar. Ninguem quer intender que a sciencia social de hoje, não é a passada, e d'ahi tantas calamidades!

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

DA POESIA LYRICA NA EDADE-MEDIA. *

954 Ao mesmo tempo na Italia, onde se conservou a maior porção do espirito e do saber dos romanos, ía a lingua toscana tomando um desinvolvimento assombroso; mais flexivel, mais harmoniosa, senão regular em sua grammatica, do que a provençal, ella se mostrava ja a rainha das linguas modernas.

A poesia lyrica que apparecêra primeiro entre os sicilianos, passou depressa a Florença onde achou um terreno mais appropriado para dar-lhe nutrimento, e vida. Os poetas italianos liam, e admiravam as obras dos poetas provençaes, que então giravam largamente pela peninsula hispanica, mas não os imitaram na fórma. O soneto, a canção, a sextina foram os instrumentos de que se serviram, e estas fórmas mais poeticas não cooperaram pouco para a rapida perfeição, que teve entre elles o genero lyrico.

Dante, e o Cisne de Pistoija, se fizeram notaveis pela força, e brilhantismo da sua poesia; e se o primeiro se colocou depois acima de todos os poetas da edade media pelo seu grande poema theologico da *Divina Comedia*, cheio dos trechos mais sublimes, mais energicos, e originaes da poesia popular, e toda de creação sua, nem por isso deixára de ficar com todos os seus contemporaneos, eclypsado na lyrica pelo grande homem, que ensinou o mundo *a phylosophar d'amor* segundo a mui poetica expressão de Fragani, e que ainda hoje a Italia respeita como o seu primeiro lyrico.

Este homem foi Francisco Petrarcha, nascido em Arezo em 1304, grande litterato, grande descobridor de manuscriptos gregos, e latinos, valido de todos os papas, e dos maiores monarchas do seu tempo, embaixador de muitos d'elles em differentes côrtes, acabando com muito pericia, e tino diplomatico espinhosas negociações; tomado por arbitro em todas as contestações litterarias do seu tempo.

Este homem que foi conduzido em triumpho pelas ruas de Roma, e coroado no Cappitolio pela mão do soberano pontifice, pelo seu poema intitulado *Africa* e outras poesias tambem em latim, que ninguem hoje lê, compoz por desfastio um cancioneiro em lingua vulgar, cuja primeira parte é consagrada a celebrar a belleza da madona Laura, e a segunda a deplorar-lhe a morte.

Mal cuidava então o poeta, que nutria o orgulhoso pensamento de rivalizar com Virgilio na poesia latina, que esse cancioneiro de que fazia tão pequeno apreço, e que dizia ter escripto *mulcendis vulgi auribus*, seria o grande fundamento da sua gloria, que havia de perpetuar o seu nome entre os maiores poetas modernos.

A linguagem de Petrarcha faz ainda hoje as delicias dos amadores da lingua italiana: o seu estylo é elegante, e correcto, a sua poesia cheia de viveza, de exquisita sensibilidade, de raptos poeticos, de vôos de phantasia, de pinturas delicadas, e amorosas, de pensamentos brilhantes, de ficções ingenhosas; a alma do poeta se communica aos objectos inanimados, e lhes presta a voz, a vida, e as paixões! Que formosa a invenção d'aquella canção em que elle cita o amor perante o tribunal da razão, onde o accusa, e é por elle confundido! Que mimoso colorido na outra que começa

Chiare, fresche, e dolce acquo!

que effusão de affectos, e de sentimentos ternos no primeiro em que deplora a morte de Laura! E que principia

Che degg'io far? che me consigli, amore?

que força, que energia n'aquelle, em que allude revolução de Rienzi! E em tantas outras, que seria ocioso apontar!

A versificação de Petrarcha é cheia de doçura, de facilidades, e harmonias! Poucos poetas modernos haverá de cujas obras possa extrahir-se tão grande numero de versos de belleza notavel, de torneio tão singular, e de expressão tão sublime, por exemplo:

Passa la nave mia colma d'obblio!

Tutte vestita a brun la Donna Perse.

E facea forza al Cielo
Accingandosi gl'occhi col bel velo.

L'acque parlan d'amor, e l'aure, e i rami,
I pitti anggelli, e i peice, e i fior, e l'erbe,
Tutte insieme pregando ch'io sempre amo

Che gentil pianta in arido terreno
Par che ci discomenga, e pero lieto
Naturalmente quindi se disparte

Rote é l'alta collona, e il verde lauro

Amor m'a posto come segno al strale.

Per far una leggiadra sua vendetta,
E punir in un di ben mille ofesa,
Celatamente amor l'arco represa,
Com' vum ch'a nocer luogo, e tempo aspetta!

Poco mancó ch'io non rimasi in cielo,
Tutta lontana del camin del Sole.

A lui la fascia luminosa, e trista
Un naviletto intorno ricopessa
Contanto d'esser vinto gli dispiacque

Non era l'andar suo cosa mortale.

il Sole
Gia fuor dell'Oceano insine al petto

fece
Di nuovi ponte ultraggio alla masina.

Pena é que Petrarcha no meio de tantas bellezas descaia ás vezes em um platonismo amoroso, em alguns conceitos rebicados, e que á força de alambicar os seus pensamentos eroticos, se perca ás vezes em uma methaphysica nada, ou mui pouco intelligivel, e que alguns dos seus sonetos pequem por mal fechados.

* Concluido de pag. 330.

Sed ubi pluro fulgent in carmine
Non ego paucis offendar maculis

Petrarcha foi o chefe da eschola poetica a mais numerosa, que tem havido no mundo, e de que ainda hoje se contam alguns alumnos. Os petrarchistas se multiplicaram não só por toda a Italia, mas por Hispanha e Portugal; porém os seus discipulos, e imitadores exageraram os seus defeitos, mas sem igualarem as suas belezas: julgaram ter feito tudo uma vez que cantassem os encantos, as esquivanças, e os favores de uma dama, phantastica, ou verdadeira, em canções, e sonetos mais ou menos frios, e tinham que a poesia não ia mais longe; todo o caso estava emque approveitasse alguns hemistichios, phrases e modos de dizer do mestre: motivo porque um critico italiano chamou ás poesias d'estes imitadores servis *licções variantes de Petrarcha*. Esta ridicula mania chegou a ponto que houve quem barbaramente o transfigurasse não nas palavrss, mas sim nos pensamentos, e sentido dos seus versos, fazendo-o fallar em vez de Laura, e de amores, de objecto mais respeitavel, e sancto, sendo o resultado ficar este profanado, e o nome do poeta a fazer dó, e sahiu mui satisfeito á luz com esta ridicula producção a que deu o titulo de — *Petrarcha Espiritual*; — tanto é certo que em materia de poesia não ha disparate que não possa esperar-se dos homens.

Entre estes imitadores de Petrarcha se distinguem o seu contemporaneo e amigo Boccacio, mais conhecido pelos contos do *Docamerone* que pelos seus poemas frio, e desleixadamente escriptos; Angelo Policiano, grande litterato e poeta de grande nome tanto em latim, como em vulgar, o Cardeal Pedro Bembo, Molza e Constancio; mas por fim o publico queixou-se de tantos suspiros, queixumes, ardores, e de tanta methaphisica amorosa e envolveu todos os petrarchistas em uma proscripção geral, de que so escapou o fundador da eschola.

Principiava então a resoar em Castella uma lingoa mais magestosa, e harmonica que a provençal, e quasi igual da toscana em abundancia e graça posto que lhe cedesse pela melodia. Reinava então Affonso X monarcha cheio de erudição, e de bondade, e digno de melhores filhos, e de vassallos menos ferozes: este rei cooperou muito para o aperfeiçoamento da lingoa patria, mandando que se usasse d'ella em todos os instrumentos publicos, que até então se escreviam em latim.

A posteridade lhe deu o titulo de sabio; e quem o mereceu melhor que o homem extraordinario, que no meio das trevas da edade media além de legislador prudente, soube mostrar-se para o seu tempo grande mathematico, astronomo e poeta? Além de um poema em estancias de arte maior intitulado *El Thesoro*, e de outro na mesma fórma de verso intitulado *las Querellas* de que apenas se conservam duas estancias, ha d'elle um livro de cantigas em dialecto gallego, que não são pequena prova do seu talento poetico.

Fallando de poesias em lingoa gallega, ou portugueza, porque os antigos escriptores hispanhoes designam por estas duas denominações a mesma lingua, porque era fallada em Portugal e Galiza; e se hoje é tam diferente em um e outro paiz é somente porque entre nós se pulio, porque tivemos independencia, e litteratura, e em Galiza ficou estacionaria, porque lhe faltaram ambas estas cousas, não podemos deixar de mencionar o famoso poeta d'esta nação conhecido pelo nome de Macias el enamorado, tam celebre por seus cantares, como por sua morte tragica, sendo atravessado com uma lança pelo marido da sua dama, na occasião em que cantava á janella da torre, em que estava preso, uma canção em louvor d'ella, e que é a unica composição sua que se conserva, e que pode ver-se no resumo historico da litteratura portugueza de Mr. Ferdinand Diniz.

Os poetas castelhanos d'esta epocha, como Gonçalo Berceo, João Lourenço, D. João Manuel, o Judeu D. Santo, o arcipreste de Hita João Rodrigues, o chronista Ayala, e outros muitos, cujas obras foram publicadas por D. Thomaz Antonio Sanches, com excellentes anotações para inteligencia do texto, se aproximam ainda mais que os provençaes (tanto na forma externa como na interna) á poesia dos arabes com quem em razão da visinhança tinham mais tracto, communicação, e concorrencia. Coplas de arte menor, e de arte maior, versos alexandrinos em rimas redobradas, e redondilhas de pé quebrado, são de ordinario a f rma das suas composições; porque parece que então se intendia que ser poeta era fazer coplas, e como bem advertiu o critico atilado e nosso comtemporaneo D. Manuel José Quintana, compunha coplas o rei D. João II, coplas o condestavel D. Alvaro, coplas o duque de Arjona, coplas D. Jorge Maurique, coplas o mestre D. Henrique de Vilhena, coplas o marquez de Santilhana, e Garcia Sanches de Badajoz, e é preciso comfessar que tam illustres nomes honram muito a poesia hispanhola d'estes tempos.

Creio que tambem foi dos arabes que os castilhanos receberam depois os romances, que foi depois a sua verdadeira lyrica popular, cantada nos estrados, nas festividades publicas, e cujas volumosas colecções com o titulo de cancioneiros e romanceiros, ainda hoje fazem as delicias não so dos hispanhoes, mas até dos extrangeiros que os admiram, e que os traduzem: o ja citado Quintana os characterisou assim:

«Despidos verdadeiramente do artificio, e violencia a que em outros generos obrigava a imitação, importando pouco a seus auctores, que elles se parecessem a odes de Horacio, ou a canções de Petrarcha, e compondo-se mais por instincto que por arte, não podiam os romances ter o apparato, e a elevação das odes de Leão, Herrera, e Rioja, porém eram propriamente a nossa poesia lyrica; n'elles empregava a musica os seus accentos, eram elles que se ouviam de noute nas estradas, e nas ruas ao som da harpa, e da viola; serviam de vehiculo e de incentivo aos amores; de setas á satyra, e á vingança; pintavam felizmente os costumes mouriscos e pastoris, e conservavam na memoria do vulgo as proesas do Cid, e outros guerreiros. Finalmente mais flexiveis que os outros generos, se dobravam a toda a casta de assumptos, valiam-se de uma linguagem ricca e natural, vestiam-se de uma meia tinta amena, e suave, e apresentavam por todas as partes aquella facilidade, aquella frescura proprias sómente do seu character original, que procede sem violencia, nem estudo.

«Ha n'ella mais expressões bellas e energicas, mais rasgos de amor e ingenhosos, que em todo o resto da nossa poesia. Os romances mouriscos principalmente estão escriptos com um vigor, e louçania de es-

tylo, que incantam aquelles costumes em que tam lindamente se uniam a valentia e o amor; aquelles mouros tam bizarros, e tam ternos; aquelle paiz tam bello e delicioso; aquelles nomes tam sonoros, e tam doces, tudo coopera para dar novidade, e poesia ás composições em que se pintam. Cansaram-se depois os poetas de disfarçar as galantarias com o trajo mourisco, e se valeram do pastoril. Então aos desafios, cavalgadas, e devisas sucederam os campos, os arroios, as flores, as cifras nas arvores, e o que com esta mudança perderam em vigor os romances o ganharam em amenidade e singeleza.

«Em uns e outros é belissima a invenção, e admira-vos o pequeno esforço e a brevidade com que descrevem o sitio, e personagem, e os sentimentos que a agitam. Agora é o Alcaide de Molina, que entra alarmando os mouros contra os christãos, que lhe tallam os campos; agora é o malogrado Aliathar que em meio da pompa funebre, que o conduz, entra sanguento, e defunto pela mesma porta, que no dia antecedente o viu sahir cheio de louçania: logo é uma simples, que havendo perdido os brincos que lhe dera o amante, se aflige pensando nas reconvenções que a esperam, ou um pastor que solitario e despresado, vê duas rolas, que se beijam em um alamo e as inxotas ás pedradas.

»Os defeitos d'estas composições nascem da mesma fonte que suas bellezas, ou para melhor dizer são o excesso, ou o abuso da sua facilidade e soltura que se convertem muitas vezes em abandono, e desalinho sua ingenuidade em afectação, os equivocos, os conceitos, as falsas flores se intenderam n'ellas com tanto mais liberdade, quanto mais taes joguetes ajudavam ao galanteio que os tinha por discrições, e porque pareciam mais dissimulaveis em obras, que se compunham brincando.

»Não póde determinar-se fixamente os auctores principaes d'esta poesia; porem a boa epocha dos romances é aquella, em que Lopo de Vega, Liano, e outros mil desconhecidos ainda se não haviam acabado de corromper com o pessimo gosto que afugou tudo depois; comprehende a mocidade de Gongora, e Quevedo, e termina no Principe de Esquilache que foi o unico que depois d'elles a certa em dar nos romances o colorido, graça e ligeireza que tinham tido antes.»

Nada ha que accrescentar a um juizo tam circumstanciado e imparcial; ha sómente uma cousa em que ousamos dissentir da opinião do grande poeta, que o exarou. Parece-nos que a boa epocha dos romances, não é a que elle aponta, pois nos parece que os mais antigos são os melhores, mesmo porque lhes achamos menos atavios, que nos outros, mais vigor de pincel, mais attenção em marcar o traço principal, e até a ancianidade da lingoagem nos parece uma nova graça.

Os romances do Cid, de Bernardo del Carpio, de Rodrigo e outros que se ligam entre si, são verdadeiras epopeias populares divididas em pequenos cantos, proprios para se fixarem na memoria do povo, que se recreia em canta-los, recordando as proezas dos seus antigos heroes, mas cadaum ajuiza com as suas idéas, sente com o seu coração, e nada mais facil que um extrangeiro inganar-se examinando poesias de uma nação, e de uma lingua, que não são suas.

Os trovadores portuguezes tambem figuraram na edade media: restam-nos alguns fragmentos do afamado Gonçalo Hermingues e sua Oriana, em linguagem tam barbara e rude, que são quasi ininteligiveis; alguma coplas de Egas Moniz, que muito duvidamos que sejam d'elle, porque nos parece impossivel que no intervalo que ha entre elle e Hemingues, a lingua se tivesse aperfeiçoado tanto; algum verso de Guesto Anxures; as poesias do infante D. Pedro, e de D. Diniz, e as que se contém no cancioneiro de Resende; mas todas essas obras, e outras que muito serviriam para investigações sobre a origem e character primitivo da lingua portugueza, e para a historia da nossa poesia, tem quasi inteiramente desapparecido, ou dormem umas impressas outras manuscriptas nas livrarias mais antigas, sem que ninguem se lembre de la ir desinterra las para as dar á luz, pelo menos o cancioneiro de Resende: mas a nossa civilisação, e amor ao estudo desgraçadamente ainda não chegou a esse ponto: as mais conhecidas d'essas poesias, porque tambem são as mais modernas são as de Chrisfal e Bernardim Ribeiro cujo character mais saliente é a singeleza do estylo e a terna melancholia dos sentimentos.

C...

DOIS ANNOS DE VIAGEM. *

1844 — 46.

IV

O rio da Prata e o Pampeiro — Montevideo e as Señoritas.

955 De ha muito desejava eu ardentemente fazer uma viagem ao rio da Prata — ver as duas cidades principaes assentadas nas suas margens — os furores do Pompeiro e a belleza das *Señoritas*. Toda ésta somma de desejos se cumpriu amplamente em dez mezes.

Nós — os officiaes da marinha de guerra — somos os entes mais felizes que o sol alumía!

Éstas aguas são do Prata, que a sonda mostra apenas 12 braças de fundo; estamos no rio que Solis trilhou primeiro que nenhum europeu, e onde deixou com o nome a vida — para mais tarde os homens esqueceram uma e outra coisa. Vaidade humana, como é transitorio o teu imperio! Ao rio trocaram o nome de *Solis* — pelo de *Prata*, metal precioso que viram nas mãos de alguns indigenas, d'onde inferiram a existencia de minas — como as do Potosi — por aquellas margens. — E do descobridor ninguem hoje se lembra na Hispanha — ninguem procurou n'outro tempo, dar-lhe ao menos sepultura em sagrado — como convinha a um christão e cavalleiro, que ia levar a fé ao Novo-mundo!

Mais ditosos que o ousado navegante hispanhol, nós vinhamos como neutraes, presenciar essa lucta — em que metade da republica do Uruguay, se esforçava por degolar outra metade, prodigando-se mutuamente os mais affrontosos epithetos — e com igual razão. O fim d'estes *republicanos* era decidir se o arbitro das vidas, da honra, e da fazenda das familias — devia chamar-se D. Manuel Oribe, ou D. Fructuoso Rivera.

O partido caudilhado pelo primeiro *(los blanquillos)* sitiava a cidade de Montevideo, protegido pelo dictador de Buenos-ayres. — *Los colorados* encerrados na praça eram protegidos pela França e pela Inglaterra. Á sorte das armas e ao poder da diplomacia, estava

reservado o proclamar quem tinha razão, e por consequencia o nome do presidente *legal* da republica.

Porém sulquemos o rio, que o vento é de feição, ainda que a nebrina nos obscurece o horisonte pela proa.

Mas um tiro de canhão vem ferir-nos os ouvidos, depois outro — e dez — e trinta — e a terra sem apparecer. — Será a nevoa que nos encobre o campo de batalha onde os blanquillos e colorados se canhoneam — ou um combate naval? — Nada d'isso.

A nebrina começa de recolher-se ao elemento d'onde sahira, e um raio de sol — meio-desmaiado — alumia fracamente o cume de uma montanha.

— Terra — brada o gageiro de sôbre a verga de joanete.

— É Maldonado — prosegue o mestre.

— Não tem duvida, continúa um tenente, é a terra mais alta que se encontra n'esta margem do rio.

Depois apparece-nos a ilha dos Lobos, e mais tarde a das Flores — e o seu farol. Á meia-noite a corrente d'agua e a calma nos obrigam a fundear.

E agora querem os meus leitores saber d'onde partiam os sons d'artilheria que nos surprehenderam? — Era um navio de guerra inglez, que — como em todos os mares — é o primeiro objecto que se encontra: a corveta *Curação*, que fazia exercicio no porto de Maldonado, e que parecia indicar com aquella detonação, aos recem-chegado — que estava alli uma das aguias a quem Deus confiou o senhorio dos mares no seculo XIX, como outr'ora fizera a outros povos.

Que recordações tão dolorosas para os homens que então chegavamos ao Prata — o pavilhão das quinas tremulava na pôpa de seu navio.

Quinta-feira sancta (20 de março) soltavamos a ancora em frente de Montevideo. — Os navios mercantes surtos no porto eram mui poucos — as desavenças intestinas paralysaram o commercio; — mas os vasos de guerra eram bastantes, que despregando os respectivos pavilhões, davam a intender, ás partes beligerantes, que era preciso respeitar os extrangeiros. — Duas fragatas francezas, duas corvetas inglezas, uma portugueza, quatro brasileiras, uma sarda, e uma dos Estados-Unidos, alguns brigues e escunas — eis ahi uma força sufficiente para manter intactas as vidas e propriedades dos seus compatriotas.

A alguma distancia do porto se viam dois brigues, com bem pouca apparencia de navios de guerra, mas que a bandeira e flamula argentinas denunciavam como taes; faziam parte de uma pequena frota — mais tarde aprisionada pela esquadra anglo-franceza — commandada pelo almirante Browu, irlandez ao serviço de Buenos-ayres — e achavam se alli para protegerem os sitiados.

Quando cessou aquelle movimento confuso que é inevitavel, na occasião de chegar ao porto — subimos, eu e alguns amigos a um estrado da popa, para gozarmos do espectaculo sempre bello, de um paiz que se ve pela primeira vez.

O panorama, que se abraça do ancoradoiro, é uma vasta campina, muito pouco elevada acima do nivel do mar, terminada ao oriente pela povoação, e ao ocidente por uma montanha *(el cérro)* coroada de uma fortaleza e de um farol.

A cidade, fundação hispanhola que não conta ainda seculo e meio de existencia, mostra no aglomerado de seus edificios — pequenos, regulares, e mui alvos — o typo das modernas construcções; ingraçados soteas e miradoiros, coroando as habitações, formam uma outra cidade, aeria, aonde as senhoritas vem gozar no verão a brisa suave da tarde, e no inverno os quentes raios do sol, tendo por tecto o firmamento, e debaixo dos pés os torpes calculos e ludosas paixões da humanidade. Cre-se ver a côrte de Semiramis, passeiando por sôbre os jardins de Babilonia. D'entre essas chusmas de edificios, ergue um templo o seu zimborio e as suas torres, como proclamando a elevação dos pensamentos divinos, sôbre as ideas profanas. Em duas fortalezas á beira-mar fluctua a bandeira da republica, e em roda da cidade o mesmo pavilhão e o argentino.

Serei mais extenso na descripção do que vi n'estas paragens, porque o rio da Prata é menos conhecido dos portuguezes do que o Rio-de-Janeiro, a Madeira e os Açores — por onde passei de corrida com o leitor; — accrescentarei mesmo, que foram as gratas recordações d'esses logares, que me incitaram a publicar os apontamentos de viagem, que hoje veem a luz da imprensa em Lisboa. — A veracidade do que diremos sôbre os costumes do paiz, foi mesmo sanccionada por alguns orientaes e argentinos, que não deviam ter-se por muito lisongeados; e quanto ás notas que acompanham a traducção de alguns fragmentos no *Constitucional* de Montevidéo, apenas advertem pequenas inexactidões, quasi todos em respeito á politica dos dois partidos. Fugirei quanto me seja possivel de tocar n'esse ponto, que alias os leitores incontram mui bem desinvolvido em uma memoria publicada na *Restauração* de 18 de settembro ultimo, sob o titulo de — *Esclarecimentos á questão da guerra do rio da Prata, por um official da marinha portugueza.* Dois dias depois da chegada, descêmos a um escaler, e aproámos á cidade.

Desembarcámos sôbre uma ponte de madeira, logar ordinario da communicação com o mar — e dirigimo-nos — como era de suppôr — á igreja-matriz, condecorada por nós com o pomposo titulo de cathedral, em razão da prespectiva lisongeira que apresenta ao navegante; — mas ai! os hispanhoes que levantaram este templo não foram os mesmos que elevaram o Escurial — nem herdaram dos arabes ésta cidade, para sanctificarem uma mesquita, como a das mil columnas em Cordova. Não — aqui não ha a admirar nem architectura, nem esculptura, nem quadros dos grandes mestres — o oiro, não denuncía os senhores do Mexico e do Perú — as torres e o zimborio, são rodeadas, forradas d'azulejo, do peior gosto — poucas e pobres as obras de madeira — alguns quadros toscos na sacristia. — Apenas o baptisterio, obra de marmore e trabalho italiano, que tem esculpida a recente data — 1842 — póde fixar por alguns minutos a attenção do viajante.

Sahindo da egreja, passámos a percorrer a cidade em todas as direcções — é pequena. As ruas são, quasi todas, cortadas perpendicularmente por outras ruas, formando quadras mui regulares; porém poucos edificios teem segundo andar, e não sei se algum terceiro. O bello effeito das soteas e miradoiros, ainda se repete dentro da cidade — é uma impressão phantastica.

Não procureis construcções notaveis por qualquer

maneira em Montevideo, que não as incontrareis — é uma cidade puramente republicana nos seus edificios — a irregularidade ahi está escripta em cada porta, em cada ventana, em cada pateo, e em cadaum de seus jardins ambulantes.

Fatigados de passeiar, procurámos o *hotel du Commerce*, que nos fôra indicado como logar mais proprio para achar um bom jantar — e depois de termos passado duas ou tres horas alegremente a julgar do merito do seu cozinheiro, dispozemo-nos a começar as nossas visitas.

A primeira senhora a quem tivémos o gosto de sermos apresentados, nos deu a mais vantajosa idea do bello sexo oriental: era uma joven de dezesette annos, de um perfil regularissimo; brilhantes e buliçosos olhos negros — tão negros como os seus lustrosos cabellos — pequenas e alvas mãos torneadas, pezinhos arrebatadores — e de uma elegancia ao mesmo tempo grave e voluptuosa. — Quem a visse então, como nós, passeiar, um olhar prescrutador sôbre os extrangeiros que a cercavam, e amortecer docemente esse mesmo olhar, no momento em que era observada por algum d'elles — descahir languidamente o corpo — tão airoso — sôbre o sophá, apoiando os pés em um feliz tamburete... oh! sentir-se-ia fascinado, exclamaria como eu: — É um anjo ou um demonio! — E se lhe dissessem ao ouvido, como então me disseram: — Nada d'isso; é uma mulher como todas as do Prata, elegante, viva e acariciadora dos extrangeiros — responderia ainda como eu, uma so palavra: — Incredulo!

O companheiro de viajem que me dirigiu aquellas palavras, ja havia estado em Montevideo alguns annos antes — o meu inthusiasmo provocou lhe o riso. — Ora devo accrescentar, para descargo de consciencia, que eu não tinha então mais de vinte e tres annos.

Porém não vades julgar, que todas as mulheres, em Montevideo, são como ésta fada, que vos deliniei — não. Eu, que sahi do Prata, sem deixar o coração enredado nas aureas ou negras tranças de alguma das suas ninfas (como diria um arribicado seiscentista) — posso fallar desapaixonadamente. As orientaes do Uruguay são, em geral, bellas sem serem formosas, e elegantes sem primor: — não encontrareis alli, senão raramente — o rosto assetinado da parisiense, a alvura da ingleza, o lindo pe da andaluza — e o seu trajo, todo no gosto francez, vos fará lamentar a ausencia da mantilha hispanhola. Quanto a character, tem a mais bella apparencia: — as *señoritas* fazem-se respeitar sem cerimonial, e conversam tão francamente com os extrangeiros, como fariam com um amigo de infancia — são as suas maneiras affaveis, que sôbre tudo os infeitiçam: — deresto, mais amaveis, geralmente fallando, do que as europeas, teem com ellas um ponto de contacto — é serem muitas vezes falsas.

Não posso resistir á tentação de transcrever a ingraçada nota do traductor hispanhol, que acompanha este paragrafo — ja publicado com o resto do capitulo no jornal do Commercio. — Eil-a: — *De que pellizeos se libra el viajero, si pudiesen agarrarlo por su banda algunas de nuestras señoritas, agraviadas por el concepto con que las favorece* — de falsas.

E que dirão as minhas compatriotas?.....

Vamos concluir o passeio do primeiro dia, e ficará para outro capitulo o mais que observei nos subsequentes.

Ao pôr do sol dirigimos os passos á linha de defensa. Como a cidade está edificada em uma lingua de terra, o numero dos reductos era mui limitado, e de um volver d'olhos se abraçava toda a fortificação — nada ahi havia de notavel. É este o passeio ordinario das senhoras; triste sem duvida, porque so se observam ruinas de bellos edificios, alguns mesmo não concluidos, quando principiou o cerco em 1843... mas se não ha outro? — O que nos fez mais sensação n'este logar, foi ver homens de todas as idades e de todas as nações, armados de varias maneiras — sem uniforme, sem çapatos, quasi sem pão e sem tabaco — francezes, inglezes, portuguezes, hispanhoes e italianos, imberbes e decrepitos, de 12 até 70 annos — de mistura com uma porção de negros, tambem armados, e que por isso deixaram de ser escravos... eram os unicos que sabiam porque se batiam! — Aquella reunião de miseraveis, esfomeados e blasphemando — fazia lembrar a escoria do povo romano clamando pela lei-agraria em Monte-sacro.

Visitámos ainda algumas *señoritas* essa noite, apresentados pelos officiaes da corveta *D. João I*, que durante uma estação de trez annos, haviam contrahido relações com muitas das familias da cidade. Fomos recebidos em toda a parte com mostras da mais cordeal franqueza. Seis dias depois, fazia-se de vela a fragata, demandando a costa de Africa, d'onde regressaria a Lisboa, tendo dado uma volta inteira em roda do Athlantico.

E comefeito, ancorou no Téjo, a 31 de outubro de 1845.

Porém eu havia ficado em Montevideo, na corveta *D. João I* — por motivos que nada interessam ao leitor — demorar-me-hei alli alguns mezes, podendo assim fazer mais amplas observações na cidadade e cercanías, como verá quem ler o seguinte capitulos.

..... E o Pompeiro? — De todo me ia esquecendo o fallar d'esse genio-mau do Prata, que sob a fórma de uma tempestade, se arroja das montanhas dos Pampas sôbre este rio, extendendo seu poder até á costa do Brazil: — é magestoso e solemne o bramir d'esse executor da ira divina — torvo e sinistro o colorido que elle dá ás aguas do rio, com o lodo que lhes arranca do fundo. — Ai do pobre navio descuidado a quem rebentou a ultima amarra, que la vae fazer-se pedaços n'alguma praia... Felizes os naufragos se podem salvar a vida.

Mas, com quanto seja medonho o aspecto d'estas tempestades, não me parecem dignas de ocupar — como acontece — um logar mais distincto nas relações dos navegantes, do que os outros temporaes fortes de qualquer parte do mundo.

Ja não ha Adamastores que prestem, nem Herculos que saibam defender as entradas dos seus dominios!

(Continúa.) *Francisco Maria Bordallo.*

O QUINHÃO DO FOGO *

(DIALOGO ENTRE MULHER E MARIDO.)

956 — 'Perdoai-me se vos interrompo', disse Armandina, 'mas não sei, M. de Beau-

* Concluido de pag. 233.

vois, a fallar a verdade, o que tem esse fogo com...'

—'Mais paciencia! Esperai um pouco, e vereis como tudo fica bem posto no seu logar. O resultado do incendio em que acabo de fallar, foi todo um quarteirão de casas queimado; mas tudo o mais da villa foi salvo, como dissera o pai de Jorge. Algum tempo depois um quarteirão novo, mais commodo e mais bonito, era edificado sôbre as ruinas do que tinha ardido. — Esta ingenhosa theoria do quinhão do fogo, nunca mais passou da idea a Jorge, nem o espectaculo que havia dado occasião a que ella lhe fosse revelada. — O meu amigo casou-se. É este o segundo notavel acontecimento da vida de Jorge. Casou-se com uma linda e feiticeira menina, que é escusado dizer quem era. Jorge amava-a, adorava-a, queria-lhe mais que tudo; e ésta extremosa paixão fará acreditar o que elle fez depois. Descrever a mutua ventura dos dois esposos, nos primeiros annos do seu casamento, sería muito longo e superfluo, ou, para melhor dizer, impossivel. Elles viviam unicamente um para o outro, e tudo o que se passava á roda d'elles era como se tal não houvesse. Os successos politicos accumulavam-se, e não deixavam vestigios da sua existencia para os dois esposos. Viveram assim cinco ou seis annos, cheios de socego, de felicidade íntima, todos satisfação. Seis annos de noivos, é coisa muito para admirar! O meu amigo gozava em segredo d'esta fortuna tão rara, e deixava-se adormecer n'esta paz de dias doirados, quando se lhe figurou que Ermelinda — chamemos assim a mulher do meu amigo Jorge — começava a parecer distrahida, pensativa, indifferente, e até mesmo se mostrava inquieta. Ja não vinha logo ao incontro de seu marido, quando este entrava em casa, como a principio; não vinha sempre sentar-se aope d'elle, como d'antes; e ésta mesma indifferença notava Jorge para todas as coisas que lhe tinham devido todo o cuidado e zêlo domestico. O interesse que Ermelinda parecia ir perdendo por seu marido e tudo o mais de sua casa, mostrava ir-se augmentando pelas coisas mais frivolas do mundo de fóra d'ella. Os passeios, as companhias, os espectaculos, os bailes, tudo isso que d'antes a infastiava e de que fugia, iam pouco a pouco adquirindo para ella incantos irresistiveis, e não tardou a apparecer constantemente em todos estes logares; mas... symptoma infallivel! no meio d'este turbilhão de prazeres, via-se Ermelinda como que aborrecida e scismando. — Jorge sondava todo este padecimento de sua mulher: disfarçava, fingia dormir, como um profundo politico, mas estava d'olhos abertos e bem acordado. Conheceu que a sua pessoa e a sua conversa ja não prendiam sua mulher como haviam prendido; sabia que ao genio d'ella era necessario uma prisão assim, e pôs-lhe medo a lembrança de que Ermelinda viesse a incontrar essa prisão n'outro homem e n'outra conversa. Era urgente tomar uma deliberação. Havia muitas borboletas ja revoando á roda de Ermelinda. Raro, mui raro sería que todas ellas se viessem a queimar no fogo da virtude. Jorge tinha aprendido pela experiencia, ja n'esse tempo, que o coração da mulher, por mais virtuosa que ella seja, está subjeito a caprichos e variações; os exemplos dos seus amigos e conhecidos lhe haviam ensinado quanto esse coração é frivolo e inconstante, e as suas proprias reflexões o tinham predisposto contra ésta desgraça que via acontecer todos os dias a muitos homens de bem. Resolveu pois estabelecer baterias invesiveis, que desviassem o inimigo que o espirito-maligno costuma sempre mandar contra todas as sensiveis filhas d'Eva. — Posso-vos affirmar, Armandina, que o que a esse tempo se passava na idea de Jorge sería a coisa mais divertida do mundo para um observador imparcial. Fiado na virtude de sua mulher, bem sabia elle, que se ella houvesse de succumbir sería so depois de longo combate, e tinha toda a certeza de que esse combate não começára ainda; Ermelinda estava apenas em certa disposição de coração em que, mesmo por instincto e sem ella dar por isso, a mulher anda em procura do seu vencedor para lhe entregar, desapercebida, a palma da victoria. Jorge dizia comsigo mesmo: Amar é a necessidade mais instante da mulher; toda a sua vida se reduz a isto: amar seja o que for, e de qualquer modo que seja. Mas, ainda que o amor seja eterno no coração feminino, cança-se, mais tarde ou mais cedo, de ser feliz, e fatiga-se de se dirigir sempre ao mesmo objecto; quer ter difficuldades que vencer, éstima ter obstaculos que destruir, e perigos que affrontar. Similhante a uma flor sem sol, que desfolha e murcha depressa se não é reanimada por o novo objecto de seus vagos e imperiosos desejos. Um marido, que a saiba merecer, terá sempre o maior quinhão da affeição de sua mulher; ésta affeição porém, produzida pela estima e mantida pelo habito, não passará de amizade. O fogo do amor arderá sosinho la n'um canto do coração, pedindo pabulo e ameaçando incendiar tudo se lh'o

não derem. Sería loucura tentar destruir esse fogo inextinguivel. — É bem de crer que o meu amigo Jorge não tractava a coisa de brincadeira. A sua paixão, os seus zêlos, e ainda o seu amor-proprio, excitados, o apoquentavam soffrivelmente; mas que remedio senão sacrificar alguma coisa para salvar o todo! Ó theoria de meu pai! exclamou Jorge, vem em meu auxilio! façamos n'este coração de Ermelinda, que eu ja não posso so possuir todo, um quinhão para o fogo!...

— 'Comeffeito, era bem delicada a theoria do vosso amigo', disse ironicamente a meia-voz, madama de Beauvois.

— 'Pode ser que gosteis mais da prática... Vejamos. Jorge veio a saber, pelas suas indagações, que um official moço e muito elegante, uma das taes borboletas de que vos fallei, e que tinha dançado algumas vezes com sua mulher, acabava de partir repentinamente para o seu corpo, então em campanha n'Argel...

— 'Ah! era um official ainda rapaz!' interrompeu Armandina, largando o seu trabalho, tirando os oculos, e começando a prestar a maior attenção.

— 'Este official', continuou o barão sem responder, 'tinha sido mais feliz nos amores do que foi na guerra, e apenas entrado em campanha, uma balla lhe tirou a vida!'

— 'Pois morreu!' exclamou a baroneza. 'Ainda me não dissestes como esse rapaz se chamava.'

— 'Poremquanto hei de chamar-lhe Alfredo,' disse M. de Beauvois, fingindo-se indifferente ao interesse que sua mulher parecia ter tomado derepente na historia que elle lhe estava contando.

— 'Ja vejo,' redarguiu Armandina um pouco zangada, 'que se a vossa historia é muito comprida gastareis em nomes suppostos quantos nomes de novellas vos lembrarem.'

— 'A minha historia está quasi acabada, minha querida. Mas, por isso mesmo que Alfredo morrêra melhor pôde Jorge servir-se do seu nome. N'um bello dia de 1831...'

Aqui tornou madama de Beauvois a pôr os seus oculos, e começou de novo a trabalhar com uma pressa que não afroichou mais.

— 'N'um bello dia de 1831, Jorge pegou n'uma folha de papel bordado, e depois de haver estudado bem o modo de mudar a sua lettra, traçou éstas linhas: "Minha senhora. Para vos amar não basta senão ver-vos — Póde ser que eu vos não torne mais a ver; mas juro-vos que vos heide amar sempre. — A voz da honra me chamou; tive de partir para Argel. — Oxala, que a voz do amor me instigue e eu farei por voltar depressa. — Etc. etc. etc." A grande extravagancia d'este bilhete tornava-se verosimil em razão de uma partida precipitada, no momento de se começar a sentir uma paixão violenta. Este primeiro bilhete não teve resposta; alguns que se lhe seguiram, figurados sempre da outra parte do mundo, tambem lhes succedeu o mesmo; mas, emfim, houve um que mereceu algumas palavras de consolação. Esta correspondencia, assim incetada, durou quasi dez annos! É escusado dizer-vos, minha querida Armandina, os ardentes sentimentos que n'estas cartas se pintavam. Havia occasiões, dias, mezes, periodos, em que tudo era fogo que até parecia querer devorar o papel, depois vinha a frieza, os amuos, as reconciliações, os projectos, as esperanças, os extasis... Oh! o meu amigo Jorge era um maganão, que sabia representar admiravelmente o seu papel, e alimentar a paixão sempre em vigor. Julgai vós mesmo, minha Armandina, que habilidade lhe não sería necessaria para sustentar assim estes dez annos de um perfeito amor! Talvez que isto durasse ainda hoje, se o regimento de Alfredo não tivesse voltado para França. Ermelinda soube-o; informou-se logo do que era feito do official Alfredo, e quando teve a certeza de que elle tinha morrido assim que entrára em campanha, é bem natural que se entregasse ás mais emmaranhadas e aflictivas conjecturas, porque demais a mais, a pessoa *iervenideira* da sua correspondencia amorosa, que teve sempre a discrição de se não dar por sabedora do conteudo d'ella havia tambem desapparecido. A fallar a verdade, o meu amigo Jorge nunca pôde saber o que se passára então no coração de sua mulher, mas é certo que elle notou, com o maior gosto, que a sua ternura d'ella para com elle ia sendo maior do que nunca, e que o fogo d'aquelle coração ardente parecia haver-se contentado com o quinhão que lhe deram, e se tinha extincto com elle. — Eu estou capacitado, accrescentou o barão, que de tudo o que houve nada resta ja senão apenas algumas cartas, que se vós, minha querida Armandina, quizerdes agora queimar, fico que por uma vez se acabará tudo o que ainda poderia fazer lembrar ésta comedia conjugal.'

A baroneza levantou-se, sem dizer palavra, pegou nas cartas a que seu marido se referíra, levantando os olhos para o ceu entregou-lh'as com a maior gravidade, e disse:

— 'Ah! como eu me não vingaria se...'

— 'Minha querida' disse o barão deitando no fogão o volumoso maço das cartas que sua mulher lhe dera, 'todo o meu maior talento consistiu exactamente em me pôr em estado de vos ouvir esse SE...'

— 'Está bom, senhor,' respondeu madama de Beauvois, com certa indignação concentrada; 'mas juro-vos, que vos não perdoarei nunca.'

Eram horas de dormir, o dialogo do marido com sua mulher acabou aqui.

A noite é boa conselheira. Eu não saberei dizer o que ella aconselhou á baroneza, nem o que esta passou em suas vigilias, scismando em Jorge, Ermelinda e Alfredo; o que é certo porém é que no outro dia pela manhan ella abraçou ternamente seu marido, e com o sorriso nos labios, e os olhos nadando em alegria, em que brilhava uma lagryma de bom agoiro, lhe disse:

— 'Eu não sei bem, meu Octavio; mas parece-me que vos amo agora como nunca vos amei!'

— 'Comeffeito reedificou-se o quarteirão incendiado!' Esteve quasi a exclamar M. de Beauvois; mas conteve ainda a tempo ésta importuna reflexão... e fez muito bem, segundo eu creio.

Imit. do Fr.

THEATRO DE D. MARIA II.

LUIZA BERNARD — drama em 5 actos traducção de *A. Dumas*.

957 Parece que o illustre auctor d'esta peça, que a escrevêra ha tres annos para o theatro da Porte-Saint-Martin, a quizera retirar depois de começados os ensaios. Um A. Dumas póde, é verdade, não ficar satisfeito com uma peça como *Luiza Bernard*, todos os que o admiram estão costumados a obras de superior merito; mas que *Luiza Bernard*, não tivesse as honras da representação, seria um castigo rigoroso demais para as suas faltas.

Visivelmente se conhece ser ésta uma d'aquellas obras, que o fecundissimo escriptor condecora apenas com o seu nome, e retoca com o seu magico pincel para lhes dar alguns longes das suas feições. Mas que *Luiza Bernard* tem d'essas feições é innegavel.

O nosso publico o sentiu, e os applausos coroaram com razão uma peça, que apezar de todos os seus defeitos litterarios, tem d'aquellas agudezas de pensamento e phrases, por vezes o mimo e a graça de dialogo, a poesia do stylo, o chistoso das ideas, que tornam sempre agradaveis e bemquistas de todos as peças de A. Dumas.

CORREIO-EXTRANGEIRO.

958 O papa concedeu finalmente a permissão de se construirem dois carrís de ferro nos seus Estados: um de Roma a Bolonha e outro de Roma a Civita-Vecchia. Avalia-se a despeza em 12,600:000$000 réis. As casas Torlonia e Jackson são empresarias.

Acaba de ser construido em Boston um paquete de vella, o *Novo-mundo*, que é o maior navio mercante da terra. E' do lote de 1,818 toneladas e poderá transportar 5,000 ballas de algodão. As despezas de construcção importaram em 80:000$000. A camara é immensa, e está ornada com a maior elegancia.

Em todos os pontos da França se estão organizando comicios agricolas, cujos socios ja chegam a cem mil.

Um decreto recente do rei da Prussia ordena que todas as *laudes* (maragaes) do interior do reino sejam arroteadas, e seccanos os pantanos, com o fim de impedir a emigração e fertilizar o paiz. Hão de estabelecer-se depois n'estes terrenos colonias de pobres.

CORREIO-NACIONAL.

959 Na *Illustração* ingleza do último paquete, veem-se os retrattos de Suas Magestades Fidelissimas, e a vista da Torre-de-San'Julião, e da villa de Santarem, tirada da margem esquerda do Tejo.

O Sr. Dr. Kessler, medico de Sua Magestade Elrei, fundador e director de um mui util estabelecimento para o tractamento das molestias d'olhos, na rua de San'Francisco de Paula n.º 72, de que ja se fallou mais largamente n'este jornal, continúa no seu philantropo disvello de dar consultas publicas e *gratuitas* todos os dias, excepto os domingos, ao meio-dia. Posso afiançar que n'esta especialidade de molestias d'olhos, a que o Sr. Dr. Kessler com tão bons resultados se dedica, vai ganhando o seu estabelecimento um credito geral, particularmente na cura d'esse *geito* dos olhos que tem o nome de *strabismo*.

A instituição de artistas-musicos, conhecida pelo nome de real irmandade de Sancta-Cecilia, celebrou no dia 27 do passado na parochial dos Martyres, segundo costume, a grande festividade da sua Sancta Padroeira. A missa solemne era composição do Sr. Xavier, professor do Conservatorio-real, ja conhecida e assaz distincta pela bellissima fuga, *cum sancto spiritu*; o credo porém que era novo, faz-se notavel pelo seu stylo severo no character religioso. No dia 2 do corrente cantou-se tambem a costumada missa de *requiem*, e o officio de David Peres, peça classica do genero. Em ambos os dias se distinguiram algumas senhoras e curiosos que cantaram no coreto.

No mez de novembro último ficaram existindo na alfandega do Terreiro, 8,915 moios de trigo, 1,620 de cevada, 155 de milho e 173 de centeio. O preço do trigo foi de 600 a 840 réis, o da cevada de 360 a 440 réis, o do milho de 400 a 480 réis, e o do centeio de 400 a 460 réis.

No dia 3 entrou o vapor inglez *Queen* (paquete do norte) de Southampton, Vigo e Porto, com 56 passageiros. Sahiu no mesmo dia para Gibraltar e Cadiz com 32 passageiros.

As noticias de Londres são até 26 do passado e as de Paris até 25. Os fundos portuguezes ficavam na bolsa de Londres a 36.

No dia 3 entrou o vapor inglez Madrid (paquete do sul) de Gibraltar e Cadiz, com 23 passageiros. Sahiu no dia 4 para Southampton, Porto e Vigo com 73 passageiros.

Praça-de-Lisboa = Na semana última o mercado nada offereceu de notavel. Houve poucas transacções em fundos-publicos e acções de companhias. Os metaes conservaram os preços. As notas continuaram com o desconto de 850 Os fundos-publicos sustentaram os preços. Desceram as acções do banco de Lisboa, subiram as da Confiança-nacional e Obras-publicas.